
As Mulheres Nos Séculos XX E XXI: A Reflexão Sobre Orgulho E Paixão No Encontro Com Fátima Bernardes¹

Bárbara TORISU LEMOS²

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG

Resumo

As telenovelas são programas teleficcionais que fazem uma representação da realidade. E Orgulho e Paixão, uma telenovela exibida em 2018 na Rede Globo, representa o passado e contribui para o entendimento e criação do imaginário de como era a sociedade do início do século XX. Inspirado nessa narrativa, os produtores do Encontro com Fátima Bernardes aproveitaram da temática para criar a pauta de um dos programas, dessa forma, eles convidaram quatro atrizes para falar sobre temas da telenovela no início do século XX e XXI. Nessa discussão, o objetivo é entender como as atrizes percebem a discussão do tema casamento naquela sociedade e nos dias de hoje. Percebe-se que as telenovelas além de serem um recurso comunicativo para a sociedade também servem como pauta para programa outro programa.

Palavras-chave: telenovela; Orgulho e Paixão; Encontro com Fátima Bernardes; telenovela e realidade; telenovela e representação.

Introdução

O início do século XX foi marcado pelo começo da modernização da sociedade brasileira e, com isso, alguns costumes também acompanharam esse processo. As pessoas passaram a circular nos grandes centros, porém esta liberdade passa a ser exercida somente pelos homens e às mulheres ficavam destinadas o espaço do privado, como comenta Rachel Soihet (2007).

A telenovela Orgulho e Paixão, exibida em 2018 pela Rede Globo, propõem fazer uma reflexão sobre como as mulheres devem agir naquele período de acordo com o modelo de sociedade que foi importado da Europa. As mulheres deveriam ficar restritas ao espaço do lar e o casamento era o objetivo de suas vidas. Porém, com o surgimento da modernização, algumas não quiseram seguir essas imposições sociais, o que não era bem visto pela sociedade daquela época.

Esses programas de ficção já fazem parte da programação televisiva desde a década de 1950, segundo Esther Hamburger (2011), mas ao longo do tempo as narrativas abordadas foram se aproximado dos contextos nacionais que se tornaram

¹ Trabalho apresentado no GP de Ficção Seriada, XX Encontro de Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). Formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). barbaratorisulemos@gmail.com

pontos de partidas para as histórias teleficcionais. Por isso, que Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2009) comenta que as telenovelas são um recurso comunicativo.

A possibilidade de adotar diversos temas também contribui para o entendimento e a construção do imaginário nacional, que segundo Patrick Legros, Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Renard e Patrick Tacussel (2007) busca compreender a sociedade por meio dos atravessamentos das esferas sociais. Nesse sentido, ao observar as telenovelas, conseguimos entender como é a construção social da realidade nacional, conforme aponta Peter Berger e Thomas Luckmann (2004).

Nesse artigo, o estudo é sobre um quadro do programa Encontro com Fátima Bernardes. Nesse programa, quatro atrizes da telenovela Orgulho e Paixão são convidadas para participar do programa de auditório e falar sobre como elas percebem quais a situação da mulher no século XIX e XXI com relação aos temas casamento, corpo, independência e gravidez. As atrizes participam de uma dinâmica em que elas têm que quebrar um sapatinho de acrílico se elas acreditam que houve alguma mudança com relação às mulheres dos dois períodos. A proposta deste estudo é entender como as atrizes que representam as personagens percebem as situação das mulheres com relação ao tema do casamento nos dois séculos por meio da dinâmica de quebrar o sapatinho de cristal que é realizado no programa?

Para esse estudo, a metodologia escolhida foi a Análise da Materialidade Audiovisual, proposto pela Iluska Coutinho (2018) para entender todos os elementos dentro do audiovisual que fazem parte do objeto escolhido.

Chegou-se a conclusão de que a interpretação das atrizes é possível perceber que houve uma pequena mudança na percepção desse temas para as mulheres dos dois séculos. Dessa forma, mesmo as mulheres se casando mais tarde, a sociedade ainda exige que elas se casam e que se isso não acontece é porque elas têm algum problema. Percebe-se que os programas ficcionais não são apenas para o entretenimento, eles também contribuem para o entendimento da nossa sociedade e para colocar em pauta temas relacionados ao universo feminino.

1. A construção da representação da sociedade brasileira pelas telenovelas

Para Peter Berger e Thomas Luckmann (2004), a realidade é construída socialmente e que para fazer a sua análise, a sociologia do conhecimento deve observar o processo e o contexto no qual esse acontecimento está inserido. A sociologia do

conhecimento aborda as multiplicidades empíricas do conhecimento e da forma que os corpos que formam esse conhecimento estão estabelecidos dentro dessa realidade. Para os autores, esse campo de conhecimento diz respeito à análise da construção social da realidade. Assim, a sociologia do conhecimento tem a sua proposição baseada em Marx, que declara que a consciência dos indivíduos é determinada pelo seu ser social. Dessa forma, o pensamento humano vem da atividade humana e das relações sociais nas quais ele está inserido e, sobretudo, do que eles acessam de informação nos meios de comunicação.

A vida cotidiana é vista como a realidade interpretada pelos indivíduos, de forma, que ela é subjetivamente dotada de sentidos que constroem um mundo coerente. E esse mundo se torna real, pois as pessoas vivem nesse contexto empiricamente e as suas experiências pessoais e vivências contribuem para a construção e o entendimento desse mundo. Nesse sentido, a construção social da realidade vem da perspectiva de que ela é feita com base no que as pessoas vivem e no seu entendimento sobre a realidade.

Os estudos da sociedade podem vir por meio de várias vertentes, para Patrick Legros, Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Renard e Patrick Tacussel (2007), a sociologia do imaginário é um ponto de vista do social, que se interessa pela dimensão imaginária das atividades humanas. Essa sociologia perpassa transversalmente pela sociedade, nas questões da vida cotidiana, religiosa, literatura, na ciência e política. A partir dessa reflexão, Legros *et AL* (2007) afirma que “a sociologia do imaginário se quer uma *sociologia das profundezas*, que procura alcançar as motivações profundas, os circuitos dinâmicos que subjazem e animam as sociedades humanas” (LEGROS *et AL* 2007, p.9).

As sociedades se baseiam nas construções imaginárias que são criadas pelos indivíduos e pelos grupos. Nesse sentido, ao pensar na sociologia do conhecimento, apresentada por Berger e Luckman, e a sociologia do imaginário, de Legros *et al*, conseguimos entender como as narrativas sociais estão inseridas dentro da sociedade e como sociedade cria a sua própria imagem por meio das vivências e do que é acessado nos meios de comunicação.

As experiências vividas pelos indivíduos de uma sociedade contribuem para a construção do seu entendimento social e é por meio das referências passadas que esses indivíduos se identificam e agem. Partindo dessa perspectiva, é possível perceber que as

mídias participam do processo de formação dessa sociedade. Se a sociologia do imaginário estuda todas as esferas que existem dentro da sociedade, pode-se pensar em como as mídias contribuem para essa formação social brasileira, por meio das narrativas criadas nas telenovelas e demais programas televisivos.

2. A telenovela no cenário brasileiro

As telenovelas fazem parte do cotidiano dos brasileiros e estão inseridas na programação do horário nobre da televisão nacional. Para Lopes “(...) a telenovela conquistou reconhecimento público como produto estético e cultural, convertendo-se em figura central da cultura e da identidade do país” (LOPES, 2009, p.22).

A construção do cenário nacional é feita por meio dos programas de televisão que são transmitidos para toda a população. E Lopes (2009) comenta que a televisão auxilia na construção de um novo espaço público, de forma que, o controle saiu das mãos dos políticos, governantes e intelectuais e passou para a televisão, que orienta a forma e o que será consumido.

Com a narrativa voltada para a temática familiar dentro do cenário nacional, a autora destaca que a sua produção é uma narrativa da família sobre a nação. Essa representação do lar dos brasileiros leva a refletir sobre a possível identificação que a população tem com as histórias dos programas. Além disso, as telenovelas se tornam espaços para fazer representações de lugares e períodos históricos, como na telenovela *Orgulho e Paixão*, transmitida em 2018, e que reconta em sua trama uma história das famílias e em especial das mulheres do século XX, no Brasil.

Mesmo que muitas pessoas optam por acessar informações e demais conteúdos pela internet, mas a televisão ainda se mostra parte do cotidiano das pessoas. Com base nos dados encontrados na Pesquisa Brasileira de Mídia, do ano de 2016³, percebe-se que a televisão é o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros para acessar informação e a internet fica em segundo lugar. Ainda olhando para esses dados, conclui-se a porcentagem de 89% de pessoas que assistem a televisão, sendo que 49% acessa a internet, 30% ouve rádio, 12% faz a leitura de jornais e apenas 1% escolhem as revistas como fonte de informação.

³ Essa pesquisa foi desenvolvida pela Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República e é referente ao ano de 2016. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>. Acesso em 28 jun. 2019.

Esse acesso à televisão tem a ver com a mudança no modelo econômico do Brasil na década de 1990, sendo que em 1994, o Plano Real foi implantado e a população adquiriu mais poder de compra. Ester Hamburger (2011) afirma que a venda das televisões foi um termômetro para o aquecimento econômico. Por meio desses dados, percebe-se como a participação da televisão dentro das casas dos brasileiros se tornou relevante, como forma de adquirir a informação.

Entre 1970 e 1980, as telenovelas surpreenderam a população nacional ao se mostrar como um produto comercial e atraindo pessoas de diferentes classes sociais, gêneros e idade. Estes programas permitem o lançamento de moda e ainda a possibilidade abordar temáticas polêmicas dentro da sua narrativa, como o beijo gay, racismo, o orgasmo feminino, diferenciação de classes e o feminismo. É por meio da atuação, das configurações dos personagens e das formas de se vestir que esses assuntos são trazidos para as narrativas ficcionais.

Lopes (2009) afirma que existe a busca pela novidade nas tramas das telenovelas e que a cada produto busca provocar o interesse, as discussões entre os telespectadores, os comentários e o consumo dos produtos que são exibidos, como as roupas, os discos e livros. Dessa forma, a televisão se tornou um espaço para realizar a problematização das questões que estão restritas ao âmbito do privado e essas discussões para o público.

Jesús Martín-Barbero (2001, p.118) afirma que “a produção das telenovelas representou, por sua vez, uma apropriação do gênero em cada país: sua *nacionalização*”. O que a torna um gênero particular e capaz de fazer as representações sociais de cada local. As telenovelas de época, por exemplo, são uma fonte de representação para que os telespectadores criar um imaginário do foi aquele período no Brasil, por meio das narrativas, cenários e roupas apresentados.

Com base nessas construções, Lopes (2009) afirma que é recorrente a identificação entre os personagens da trama e algumas figuras públicas, entre os problemas da ficção e os reais. A intenção dessa narrativa é a criação da verossimilhança das histórias contadas, que é uma demanda do público. Hamburger (1998) se atenta para a criação de modelos de homem e mulher, casamento e namoro e estrutura familiar inspirados na classe média urbana de São Paulo e Rio de Janeiro, que as telenovelas criam. Para ela, os telespectadores não necessariamente concordam com eles, mas ela serve como uma referência.

Ter a televisão como referência para a construção dessas identidades tem a ver com a questão da sua presença dentro do lar das pessoas. Ondina Leal (1983) comenta que a hora de assistir a telenovela é o momento de reunião das pessoas que residem naquela casa, esse processo se repete ritualisticamente todos os dias e que cada novela tem audiências específicas, que compõem o ritual de assistir às telenovelas. A autora ainda afirma que a forma de consumir o que é exibidos nas tramas televisivas variam de acordo com as vivências de cada classe. Isso acontece devido ao repertório de vida que essas pessoas possuem.

Lopes (2009) destaca que a telenovela é recurso comunicativo, que tem a capacidade de transmitir as representações culturais ou tem a possibilidade de promover a abordagem de temas sobre inclusão social, responsabilidade, ambiental, respeito às diferenças e a construção da cidadania. Dessa forma, percebe-se qual o papel a televisão e em especial as telenovelas têm quando se fala na construção da identidade da sociedade brasileira.

3. A representação das mulheres nas telas

A história das mulheres sempre foi um relato silenciado dentro da historiografia. Por mais que elas sempre fizessem parte dos processos históricos, existe algo que sempre as silencia. Michelle Perrot (2007) comenta que escrever a história das mulheres é como romper com o silêncio no qual as mulheres estavam confinadas. Escrever a sua história rompe com esse silenciamento que colocou as mulheres em um espaço de afastamento dos registros da memória.

Como elas não possuem notoriedade, os registros que são atribuídos a elas geralmente vêm dos homens, no qual “as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (PERROT, 2007, p.17). Isso acontece devido a assimetria sexual que existia nos momentos dos registros da história. Para entender qual era a história dessas mulheres, Perrot (2007) compreende que os discursos sob as mulheres, as imagens, literárias ou plásticas, em sua maioria eram obras de homens que ignoravam o que as mulheres pensavam ou sentiam. Além disso, a autora destaca que a escrita das mulheres se manifestava apenas nas cartas e nos diários, com a perda da intimidade no casamento, elas utilizavam essa ferramenta como forma de escapar e ter um momento só delas.

Para Maria Rita Kehl (2016), os discursos prontos sobre o outro vem carregados de pressupostos sobre o sintoma que impede o surgimento do sentido do sofrimento do outro. E que a língua é um produto social carregada de sentido, que pode se manifestar em um sujeito isolado. Mas em uma massa dos falantes, ela carrega marcas de época e cultura, sendo assim, modificável ao longo do tempo.

Partindo desse entendimento de que a língua é móvel e varia ao longo dos anos, Kehl (2017) comenta que é por meio dessa trama simbólica que foi tatuado nos indivíduos que é determinado o que é ser homem ou mulher. Na passagem pelo mundo, não foi recebido um manual para entender e saber o que cada um desses papéis determina em nosso comportamento. No entanto, este guia se manifesta na trama simbólica que constitui a cultura e determina quais são os lugares possíveis de ocupar, os deveres, as posições, os nossos traços identificatórios e o conjunto das mulheres é deslocado para uma posição que completa e sustenta a posição masculina. Para Kehl (2016), a modernidade foi o período que mais permitiu a criação de um campo vasto e variado para a constituição de sujeitos e isso mobilizou as mulheres a buscar se inserir nesse campo.

Rachel Soihet (2004) afirma que foi durante a Belle Époque (1890-1920) e com a instauração da ordem burguesa, que o processo de modernização e higienização se iniciou no Brasil. Esse processo foi feito pelos grupos ascendentes, que buscavam a transformação das capitais e metrópoles, com a implantação de hábitos civilizados, como os dos parisienses. É por meio da introdução de valores que dialogam com a burguesia que medidas eram tomadas para que os homens e mulheres dos segmentos mais populares se adequassem às mudanças trazidas pela modernização e urbanização.

Os valores determinados pelos grupos ascendentes recaiam em especial sobre as mulheres, que não podiam ocupar o espaço público e sempre ficam restritas à esfera do lar. Sobretudo, nesse período, existia o respaldo da ciência que Soihet (2004) apresenta como sendo o paradigma do momento, no qual, a medicina social da época determinava como sendo características femininas a fragilidade, o recato, o predomínio da afetividade sobre a razão, a subordinação da sexualidade à maternidade. No caso das mulheres pobres, essa restrição não era exercida, visto que elas precisavam trabalhar e saíam às ruas para procurar trabalho para sobreviver.

Para Lilia Schwarcz (2019), as próprias sociedades que criam esses marcadores sociais da diferença, que podem ser associados ao tipo físico, raça e gênero, e é a partir disso que se produz o preconceito, a discriminação e a violência. Essas classificações contribuem para as construções sociais, culturais, históricas e locais que são da ordem das representações sociais. Soihet (2004) apresenta que os valores que são imputados às mulheres e que são reforçados pelo discurso do patriarcado⁴ e contribuem para a criação de hierarquias sociais e as formas de subordinação dentro da sociedade.

O período de modernização no Brasil não foi um momento apenas de mudança e movimentação social do campo para a cidade. Para Schwarcz (2019) desde o final da década de 1970, as mulheres definitivamente deixaram o lugar social que era determinado a elas no Brasil, como o vitimismo e a passividade. A partir do movimento organizado, elas buscaram a reivindicação dos seus direitos e oportunidades mais igualitárias no espaço de trabalho, em casa e na esfera pública. Sobretudo, no século XXI, houve a emergência do feminismo negro que tem buscado incluir as suas pautas que dizem respeito ao racismo no Brasil nas discussões sociais. E esse tipo de assunto se torna tema para que os demais programas de conteúdo informativo criem suas pautas.

4. O Encontro com Fátima Bernardes e a telenovela Orgulho e Paixão

Lançado no ano de 2012, o Encontro com Fátima Bernardes mescla informação e entretenimento em um programa que tem o perfil mais informal de conversa⁵. O programa de auditório conta com a presença da jornalista e apresentadora Fátima de Bernardes, que coordena as discussões com os convidados, que são atores, músicos e de outros segmentos, que vão de acordo com as situações que estão acontecendo na sociedade naquele momento.

Um detalhe interessante desse programa é que no início ou término da alguma telenovela alguns dos atores são convidados a ir ao programa para falar um pouco da trajetória da narrativa ficcional e das temáticas abordadas. Exibida entre os meses de março e setembro de 2018, o último capítulo de Orgulho e Paixão foi apresentado no dia 24 de setembro às 18h. E neste mesmo dia, porém, no horário das 11h, o programa

⁴ Considera-se o significado de patriarcado como o definido pela Christine Delphy (2009, p. 173), como sendo “(...)o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres” (DELPHY, 2009, p.173).

⁵ Informações disponíveis em <<https://globoplay.globo.com/encontro-com-fatima-bernardes/t/FzdMkLMYfg/detalhes/>>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

de auditório Encontro com Fátima Bernardes convidou quatro atrizes da telenovela, para fazer uma reflexão sobre o que mudou na vida das mulheres do início do século XX até os dias atuais, que é o objeto de análise deste artigo.

A telenovela *Orgulho e Paixão* é inspirada em obras de Jane Austen e as personagens que vivem nesse período acabaram confrontando um pouco este modelo de sociedade e buscam mais liberdade, como forma de fugir dos costumes da época, que se configura enquanto um poder simbólico⁶.

Nesta edição, as atrizes Agatha Moreira, Bruna Griphao, Pâmela Tomé e Anaju Dorigon participaram de uma dinâmica que consistia em cada uma quebrar um sapato de cristal, para fazer um comparativo sobre as temáticas de casamento, corpo, maternidade e independência, no início do século XX e atualmente. Elas deveriam quebrar o salto de acordo com o grau de mudanças ocorrido, com base nas reflexões que elas fizeram sobre o período da telenovela e o que elas percebiam nos dias de hoje. Escolheu-se fazer a análise do trecho que fala sobre o casamento que compreende os minutos 21:23 até 28:40, deste programa. Dentre os quatro temas, o matrimônio foi escolhido para este artigo, pois é o assunto que mais se abordado na narrativa de *Orgulho e Paixão*.

A partir das reflexões feitas neste trabalho, a intenção é como as atrizes que representam as personagens percebem as situação das mulheres com relação ao tema do casamento nos dois séculos por meio da dinâmica de quebrar o sapatinho de cristal que é realizado no programa?

5. O estudo do quadro do sapatinho de cristal

Para realizar este estudo, optou-se pela a metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual, que consiste em um processo de entrevistar o objeto com base nos conceitos escolhidos para a realização desse estudo, que são o imaginário social e a telenovela como recurso comunicativo. Esta metodologia permite entender o audiovisual como um todo: imagem+som+enquadramento+edição+tempo de forma que todos esses elementos são considerados na hora de fazer o estudo. A Análise da Materialidade Audiovisual é feita em cinco passos, que leva a entender o contexto no qual o objeto está inserido. A autora Iluska Coutinho (2018, p.192) apresenta o processo de análise neste trecho,

⁶ Considera-se o poder simbólico como o conceito criado por Pierre Bourdieu (2007) que é um poder invisível que só existe com o reconhecimento das pessoas.

1) identificação do objeto audiovisual (e suas propostas); 2) emolduração e elaboração da ficha de análise; 3) pré-teste do instrumento; 4) pesquisa documental/definição e obtenção da amostra a ser investigada; 5) construção de parâmetros de interpretação dados e, em casos eventuais, de uma material codificação. (COUTINHO, 2018, p.192)

O objeto audiovisual a ser estudado neste artigo é o programa da Fátima Bernardes⁷, exibido no dia 24 de setembro de 2019, nos minutos 21:23 até 28:40. A proposta deste quadro é fazer um comparativo da relação entre os temas que foram discutidos na novela, como casamento, gravidez, independência, corpo e maternidade, no século XX e no XXI. Nesse programa uma dinâmica é realizada e cada uma das quatro atrizes da telenovela que foram convidadas têm um sapatinho de acrílico que deve ser quebrado para apresentar o grau de evolução em relação aos temas nos dois séculos.

A telenovela funciona como o gancho para a abordagem dessas temáticas no programa e a atividade de quebrar o sapatinho propõe uma forma interativa e ilustrativa de fazer essa comparação, assim, os demais convidados do dia, como o cantor Dinho Ouro Preto e jornalista Maíra Azevedo também participam dando opiniões.

O paratexto para pensar a análise desse programa é a sinopse desta edição do programa, que descreve “Fátima Bernardes recebe as atrizes Anaju Dorigon, Nathalia Dill, Pâmela Tomé e Bruna Griphao para falar sobre o capítulo final da novela *Orgulho e Paixão*. A música fica por conta da banda *Capital Inicial*”⁸, que apresenta que serão os convidados deste dia, mas que não dá muitas pistas sobre os temas a serem discutidos.

Para a realização desta análise, utiliza-se o aporte teórico apresentado neste artigo. Para isso, considerar que a telenovela é uma possibilidade de construir o imaginário de como é a sociedade brasileira e como isso contribui para a construção social da realidade e quais são as comparações feitas entre as mulheres no início do século XX e nos dias de hoje. Nesse caso, avalia-se quem são essas mulheres e como a telenovela auxilia na construção da imagem delas. A última fase consiste na criação de uma ficha de análise com base no aporte teórico, que são as seguintes questões:

1) Como o programa o Encontro se apropria da temática da telenovela?

⁷ A edição completa pode ser conferida no Globoplay Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/7039718/programa/?s=21m27s>>. Acesso em 2 de janeiro de 2020.

⁸ A sinopse esta disponível na edição do programa em <<https://globoplay.globo.com/v/7039718/programa/?s=21m27s>>. Acesso em 2 de janeiro de 2020.

2) Qual a relação do sapatinho e o imaginário da mulher enquanto princesa?

3) O que muda com relação às mulheres do início do século XX e XXI com relação ao casamento?

O programa Encontro se apropria das temáticas trazidas em Orgulho e Paixão para fazer com que as atrizes façam uma reflexão da posição da mulher no início do século XX e XXI. A intenção é verificar se o que era colocado para mulheres daquele período sofreu alguma mudança desde aquele contexto-histórico.

A Fátima Bernardes inicia o quadro falando da exibição do último capítulo que é naquele dia e que agora seria “Encontro com Orgulho e Paixão” e a vinheta de abertura da telenovela é exibida com o acréscimo do nome “Encontro”.

O quadro começa com a exibição de uma cena em que a Dona Ofélia pede a Santo Antônio ajuda para casar as cinco filhas e que seria uma ajuda divina. Elisabeta fala que depois de tudo que aconteceu, a mãe só pensa nesse assunto e Ofélia diz que nunca saiu desse assunto. Cecília, uma das filhas, fala que foi pedida em casamento e Dona Ofélia comemora o pedido.

Fátima pergunta se a Ágata Moreira, intérprete de Ema, a casamenteira do Vale do Café, acredita que tem mães que ainda não empenhadas em casar as filhas e a atriz responde que existem muitas e que o sonho de casamento muitas vezes é mais da mãe do que da filha. Bruna Griphao, intérprete de Lídia Benedita, comenta que o sonho era da mãe delas (se referindo a Dona Ofélia). Fátima afirma que Lídia só queria aproveitar e a atriz confirma, nesse momento surgiu um GC com a frase “Em um século... O que mudou no comportamento das mulheres?”. A Fátima fala de onde veio a analogia do sapatinho, que é para a mulher sair do salto e deixar o sonho de princesa e cair na realidade. Ela explica a brincadeira que elas têm que quebrar o salto do sapato de acrílico de acordo com o grau de mudança que ocorreu com relação aos quatro temas escolhidos. Se houve pouca alteração, o sapato fica inteiro, se houve mudanças significativas, elas tiram o salto e se mudou radicalmente, o sapato deve ser quebrado.

Com relação à temática de casamento, Fátima afirma que a mulher encontrava o seu lugar quando ela se casava, naquela época, e se a Ágata Moreira acha que sobre ela existe uma pressão para que ela se casa. A atriz afirma que acha que sim e que as pessoas esperam isso. A câmera enquadra a atriz em um plano primeiro plano. A atriz Anaju Dorigon completa que se aos 50 anos uma mulher ainda não se casou, as pessoas

pensam que é um problema com ela, mesmo pensando que pode ser apenas uma escolha. Ela ainda compara as duas épocas e fala que atualmente, não tem a mesma cobranças, mas há a necessidade de que o casamento aconteça. O enquadramento se torna um plano geral. E a Pâmela Thomé, interpreta de Jane Benedito, fala que o tema casamento tem muito a ver com religião e sobre a pressão do casamento. O enquadramento se torna um primeiro plano e que leva a pensar na sociedade religiosa e o peso de ter que casar, ter filhos e construir uma família vem disso. No minuto 26:17, aparece um gerador de caracteres (GC) escrito “Mulheres de hoje... Casamento deixou de ser prioridade para elas?”. A Bruna Griphao fala que a personagem dela passa por isso e o plano se torna um meio primeiro plano que enquadra três atrizes. Ao falar da sua personagem que engravida sem casar e que isso era um absurdo para a época e que ainda hoje se tem muito disso, o enquadramentos se torna um primeiro plano da atriz. Bruna faz uma discussão interessante, que se usa a expressão mãe solteira, mas mãe não é um estado civil e a mulher será mãe e que o fato de não se casar pode levar ao entendimento de que a mulher tem algum problema.

Dinho Ouro Preto ressalta que para o homem também tem esse estereótipo de “solteirão” e Maíra Azevedo, uma jornalista convidada, contrapõe falando que um homem de 50 anos solteiro ainda é considerado como jovem e que a mulher que não casou está passando da hora de casar, mas que não existe a hora certa. Dinho questiona se elas já repararam que casa-se mais tarde no Brasil. Fátima faz uma brincadeira que ele leu a ficha dela, pois ela já iria trazer esses dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que apresenta que na década de 1974, as noivas tinham em média 23 anos e os noivos 27. Atualmente, a média é de que as mulheres se casam com 30 anos e os homens com 33 anos. No minuto 27:51, no qual aparece a seguinte informação “Idade ao se casar: em 1974, a média de idade das noivas era de 23 anos” e a Fátima é enquadrada em primeiro plano.

No minuto 28:58, o GC muda para a seguinte informação “Atualmente, a média de idade das noivas é de 30 anos” e Fátima dá a informação e afirma que essa mudança está muito relacionada com a saída da mulher para o mercado de trabalho. Dinho faz um relato que quando ele nasceu, sua mãe tinha 22 anos, Fátima afirma que a mãe dela tinha 20 anos, e Dinho completa que ele tinha 33 quando teve seu primeiro filho e que sua esposa tinha 32.

Fátima pergunta para Ágata o que ela fará com seu sapatinho, se ela quebra ou o deixa inteiro. Ágata inicia sua fala sobre a independência da mulher e o enquadramento muda para o sapato e o martelo do lado e começa a falar sobre a mulher no trabalho. Fátima a corrige falando que o tema ainda é sobre o casamento. Ágata ri e pergunta se tem como tirar somente a sola do salto. Fátima pergunta se ela deixa praticamente igual e Ágata fala que sim.

A questão do sapatinho remete a pensar no caso da Cinderela, que é uma princesa da Disney que perde o sapatinho de cristal no baile do príncipe. E o sapato se torna uma referência, pois é a única forma que o príncipe tem de encontrar a mulher e amada se torna o símbolo do casamento como o final feliz. No programa, o calçado se refere ao sonho de princesa e da busca pelo casamento e que é preciso buscar a realidade. A quebra do sapatinho pode remeter ao afastamento das mulheres do século XX para o atual. A jornalista Maíra Azevedo, que é uma das convidadas comenta da diferença entre os homens e as mulheres, que eles são estimulados a casar mais tarde e às mulheres a ter o sonho de princesa. Nesse sentido, a jornalista fala da necessidade de tirar o sapatinho e colocar o pé no chão, no sentido de buscar a realidade e entender que as mulheres não precisam ter o mesmo destino da época da telenovela.

Com relação ao tema do casamento, as quatro atrizes comentam que sob a mulher existe uma pressão para se casar e que isso reflete na forma com ela é vista pela sociedade. A mulher que tem um relacionamento logo tem que se casar e quem está mais velha e não se casar ficará para tia ou tem algum problema. E a Ágata, a atriz responsável pelo sapatinho do tema casamento, brinca e pergunta se tem como tirar apenas a sola do salto e ao final ela conclui de que houve poucas mudanças. Por isso, ela opta por deixar o sapato inteiro.

O casamento é um tema que perpassa toda a narrativa da telenovela que é reforçado inclusive pela Dona Ofélia e pela Ema, que acreditam que o casamento é a único destino das mulheres. A Ágata acredita que houve pouca mudança com relação ao tema casamento na sociedade do século XX e XXI, para ela as mulheres ainda são cobradas de se casar e que muitas mães sonham com o casamento das filhas. Quando a atriz fala da mãe e eles exibem um trecho da telenovela, em que Ofélia faz preces para pedir que o Santo Antônio, o santo casamenteiro te ajude a casar as cinco filhas, mostra como existia a preocupação de encontrar alguém para que elas se casassem. E o

interessante é que os dados do IBGE que são trazidos ainda mostram que as mulheres do século passado se casavam mais cedo, com 23 anos. E que ao não se casar acredita-se que o problema é com a mulher e isso pode ser apenas uma opção. Bruna Griphao faz uma discussão interessante quando ela aponta que a sua personagem engravidou antes de se casar e que é um absurdo quando isso acontece. Para ela, ainda hoje carrega-se essa ideia e que a maternidade não é um estado civil e que as mães solteiras são apenas mães.

Considerações finais

Orgulho e Paixão é uma trama de época e que representa os valores do início do século XX, mas também aborda temas que são discutidos nos dias de hoje, como a independência e a inserção da mulher no mercado de trabalho. Com o final da telenovela, o Encontro com Fátima Bernardes aproveitou essas discussões como pauta em um quadro do programa e para que os convidados fizessem algumas reflexões.

Ao trazer as atrizes que vivem as personagens e mostrar as percepções que elas têm sobre os valores daquela época e como elas percebem os dias de hoje, percebe-se que o programa adquire a característica de recurso comunicativo. Além de permitir a reflexão dos próprios telespectadores, a telenovela também se mostra como uma promotora de pauta para outros tipos de programa, como o Encontro com Fátima Bernardes, que convidou quatro atrizes para discutir os assuntos ao vivo.

Pela reflexão das atrizes com base no que elas vivenciaram na telenovela e com suas histórias de vida, elas constataram de que ainda não houve mudanças significativas quando o assunto é mulheres e casamento. E essa reflexão fez com que a Agatha Moreira deixasse o sapatinho inteiro. E as mulheres que não se casam tem algum problema, como se elas não pudessem escolher não se relacionar, e como esse tema perpassa pelas questões da vida cotidiana, religiosa, ciência e política.

Além da próprias personagens que dão vida às personagens de Orgulho e Paixão, a presença do Dinho Ouro Preto e Maíra Azevedo foi importante para dar mais visões sobre os temas trazidos. O Dinho traz uma perspectiva voltada para o âmbito masculino e a Maíra corrobora o que as atrizes comentam sobre o fato de não existir uma certa para casar e que não há um certo ou errado nessa discussão.

Outros recursos interessantes usados foram as informações do IBGE apresentadas pela Fátima sobre a idade em que as mulheres casavam na década de 1970

era na casa dos 20 anos e nos dias de hoje, a idade passou para 30. E que isso aconteceu justamente pela entrada da mulher no mercado de trabalho, mostrando mais ainda a busca pela independência das mulheres. Além disso, os GCs exibidos nas telas traziam provocações que dialogavam com o tema, como “Mulheres de hoje... Casamento deixou de ser prioridade para elas?”.

A partir das reflexões contidas neste artigo, pode-se perceber que as telenovelas contribuem para o entendimento da nossa sociedade e como fonte para a criação de pautas dentro dos programas que tratam de conteúdos mais informativos. Além disso, nota-se que a discussão se torna mais clara sobre os temas a medida que os convidados relatam vivências próprias e fazem comparação com a narrativa da telenovela ou com a vida dos seus pais.

Referências bibliográficas

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade** - tratado de sociologia do conhecimento. 24ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2007.
- COUTINHO, Iluska. M. S. Compreender a estrutura do audiovisual e experimentar o audiovisual - Da dramaturgia do jornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (Org.). **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2018, v. 7, p. 175-194.
- DELPHY, Christine Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise. DOARÉ, Hélène Le. SENOTIER, Danièle (Orgs). **Dicionário Crítico Do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP. 2009.
- HAMBURGER, Esther. Diluindo Fronteiras: As Telenovelas no Cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia (Org.). **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- HAMBURGER, Esther. Telenovelas e Interpretações do Brasil. Lua Nova. Revista de Cultura e Política, v. 82, p. 61-86, 2011.
- KEHL, Maria Rita. A constituição da feminilidade no século XIX. In KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminismo**. 2016, Boitempo.
- er. Telenovelas e Interpretações do Brasil. Lua Nova, São Paulo, 82: 61-86, 2011.
- LEAL, Ondina Fachel. **A Leitura Social Da Novela das Oito**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p.167. 1983.
- LEGROS, Patrick. MONNEYRONM Frédéric. RENARD, Jean-Bruno. TACUSSEL, Patric. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela como recurso comunicativo**. Matrizes, São Paulo, v.3, n.1, p. 21 a 47, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia do audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora Senac, 2001.PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo**. São Paulo: Companhia das Letra., 2019.
- SOIHET, Raquel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, M. D. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2004. Disponível em: <<https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histe3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 30 de nov de 2019.